

O LUGAR DA MEMÓRIA NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA GEOGRAFIA CULTURAL

Marcos Matheus Andrade Vasconcelos[1]
Geizielle Souza Gomes[2]
Elioenia Macedo dos Santos[3]
Jacy Bandeira Almeida Nunes[4]

Palavras-chave: lugar epistemológico; justiça epistemológica; intercientificidade.

INTRODUÇÃO

A Geografia Cultural, em sua trajetória epistemológica, passou por diferentes fases até alcançar reconhecimento enquanto campo consolidado de investigação. De acordo com Claval (1999), sua evolução pode ser compreendida em três momentos distintos: o primeiro, marcado pela valorização da paisagem cultural e dos "gêneros de vida"; o segundo, caracterizado pela incorporação das transformações espaciais provocadas pela expansão capitalista; e o terceiro, correspondente à chamada Geografia Cultural Renovada, que representa uma reformulação teórica mais profunda, atenta às dimensões simbólicas, subjetivas e afetivas do espaço.

Nesse contexto, a memória se revela como um dos pilares conceituais da Geografia Cultural contemporânea, sendo elemento fundamental para a compreensão dos processos identitários, das dinâmicas territoriais e das formas de apropriação do espaço. A memória atua como eixo estruturante do cotidiano cultural e também como instrumento epistemológico, sobretudo quando inserida no debate acadêmico sobre o espaço vivido, o lugar e as representações sociais.

No Brasil, a Geografia Cultural ganha força a partir da década de 1990, com a criação do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Espaço e Cultura, vinculado ao Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), responsável pela criação do periódico *Espaço e Cultura* (Corrêa, 2009). Esse periódico, juntamente com a revista

[1] Acadêmico em Geografia, Universidade do Estado da Bahia, bolsista do programa Afirmativa da UNEB.
[2] Acadêmica em Geografia, Universidade do Estado da Bahia, bolsista do programa Afirmativa da UNEB..
[3] Acadêmico em Geografia, Universidade do Estado da Bahia, bolsista do programa Afirmativa da UNEB..
[4] Doutora em Geografia, Universidade do Estado da Bahia, Professora do Departamento de Ciências Humanas da UNEB Campus-IV.

Geograficidade, vinculada à Universidade Federal Fluminense (UFF), constitui base central desta pesquisa.

A investigação, ainda em andamento, tem como objetivo analisar como a memória tem sido abordada na produção científica da Geografia Cultural, buscando responder à seguinte questão de pesquisa: qual o lugar epistemológico da memória na produção científica da Geografia Cultural? Para isso, está sendo realizada uma revisão narrativa de literatura, com recorte temporal de 2015 a 2025, concentrada em artigos publicados nos periódicos *Espaço e Cultura* (UERJ)[5] que possuam a palavra "memória" entre suas palavras-chave.

Trata-se, portanto, de uma proposta de investigação que se insere no esforço de compreender de que forma a memória tem sido mobilizada como categoria de análise e como fundamento epistemológico na Geografia Cultural brasileira contemporânea. Esta pesquisa, embora em estágio inicial, representa um ponto de partida relevante para o aprofundamento de debates que articulam espaço, cultura e subjetividade, e integra uma reflexão mais ampla sobre os justiça epistemológica e intercientificidade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A presente seção apresenta e discute os resultados parciais da pesquisa, que teve como objetivo investigar a categoria epistemológica memória nas produções publicadas no periódico *Espaço e Cultura* (UERJ). A partir do levantamento e análise do material, foram identificadas quatro produções que abordam a temática da memória em articulação com questões espaciais, identitárias e territoriais. Essas produções compõem o corpus analítico deste estudo e são discutidas a seguir, com base em seus contextos teóricos, metodológicos e contribuições para o campo da Geografia Cultural e da epistemologia.

A produção de Maria Helena Braga e Vaz da Costa estabelece, ao longo de seu trabalho, uma articulação entre memória, identidade e espaço, destacando como a memória contribui para compreender os lugares como construções simbólicas e afetivas. Na análise do filme *Era Uma Vez Eu, Verônica*, a autora examina como o espaço urbano de Recife é ressignificado a partir das experiências pessoais da personagem, especialmente na cena em que Verônica passeia com o pai por ruas que para ela eram desconhecidas, mas que para ele são carregadas de lembranças. Essa cena exemplifica o processo de transmissão da memória, em que o lugar adquire novas camadas de significado através da experiência compartilhada. Nesse sentido, Costa (2016) desvela como as vivências individuais, quando entrelaçadas com narrativas familiares e coletivas, contribuem para a sedimentação simbólica do espaço. A autora dialoga com Chauí (1998), que define a memória como um retorno ao passado — uma capacidade de reter experiências vividas e preservar o que poderia ser esquecido. Assim, o lugar, mediado pela memória, torna-se um território identitário, onde se sobrepõem tempos e afetos, revelando sua dimensão histórica, subjetiva e coletiva.

Na produção de Walkiria Maria de Freitas e Leonardo Civale, a memória é concebida como elemento central na constituição do patrimônio e da paisagem urbana de Viçosa, em Minas Gerais, sendo profundamente articulada aos processos históricos de pertencimento, resistência e exclusão. Os autores destacam que tanto a memória quanto a história são construções narrativas elaboradas pelas pessoas a partir dos contextos em que vivem, sendo moldadas por suas experiências, disputas simbólicas e relações com o território (Freitas & Civale, 2016). Nesse sentido, o patrimônio é reconhecido não apenas como um registro material do passado, mas como expressão viva da memória coletiva que sustenta a identidade territorial de grupos historicamente marginalizados. Em comunidades tradicionais, urbanas

[5] https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura

periféricas, indígenas ou quilombolas, a memória atua como instrumento de reexistência — resgatando vínculos ancestrais com a terra, reforçando a legitimidade das práticas culturais e denunciando processos de apagamento promovidos por políticas de homogeneização do espaço. Assim, compreender a memória nesses contextos implica reconhecer o território como espaço de disputa, onde o pertencimento é constantemente reafirmado por meio de narrativas que resistem à exclusão e à invisibilização dos sujeitos sociais que ali habitam.

Na perspectiva de Nildemar Pereira da Silva e Nilson Almino de Freitas, a memória está intimamente vinculada à construção do sentido de lugar e território, posicionando o sujeito — aqui representado pelos moradores entrevistados — como agente ativo na produção de significados sobre o espaço. A memória, nesse contexto, é mais do que um instrumento de resgate das histórias de vida; ela se configura como chave interpretativa para compreender os processos de territorialização e, sobretudo, os conflitos de memória que atravessam o tecido social. O que se lembra e o que se esquece são atos carregados de intencionalidade, revelando disputas simbólicas que expressam relações de poder sobre o território. Ao recuperar narrativas individuais e coletivas silenciadas, a memória evidencia a desigualdade na legitimação de certos discursos e visões de mundo em detrimento de outros. Assim, o espaço geográfico é entendido como campo de embates, onde diferentes grupos sociais reivindicam seus pertencimentos, memórias e direitos à cidade, ao campo ou ao território tradicional, confrontando projetos hegemônicos que buscam homogeneizar ou apagar essas experiências. Nesse sentido, a memória deixa de ser apenas um instrumento de evocação do passado para se tornar uma arena política, onde se disputam identidades, sentidos e usos do território.

Na leitura proposta por Emerson José Sena da Silveira, a memória assume um papel profundamente enraizado nas dimensões simbólicas e culturais da experiência humana, sendo, em seu estudo, atravessada por uma perspectiva religiosa. Essa abordagem dialoga com Halbwachs (1990), ao compreender a memória como um elo que conecta indivíduos e grupos sociais, permitindo uma reconstrução constante das lembranças de acordo com os contextos vividos. Mais do que um simples registro do passado, a memória é reconhecida como dinâmica e ativa, recriada continuamente a partir das vivências cotidianas. Nesse sentido, torna-se evidente seu potencial para valorizar os saberes locais, as narrativas orais, os registros subjetivos e as experiências sensíveis dos sujeitos, que tradicionalmente foram marginalizados nas construções do conhecimento geográfico. Ao reconhecer essas fontes como legítimas, questiona-se a supremacia das epistemologias universalistas e técnicas, frequentemente dissociadas da realidade concreta dos territórios vividos. A memória, portanto, emerge como ferramenta epistemológica que reivindica o reconhecimento da pluralidade de formas de conhecer, ampliando os horizontes da Geografia para além dos paradigmas científicos hegemônicos e abrindo espaço para leituras mais integradas, humanas e territorialmente situadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados parciais desta pesquisa evidenciam que as produções analisadas reforçam uma compreensão do espaço como construção histórica, vivida e continuamente ressignificada. Nesse processo, a memória emerge como uma categoria epistemológica fundamental para pensar a espacialidade de forma sensível, política e culturalmente situada. Na Geografia Cultural, seu valor vai além de um repositório do passado: ela se inscreve como instrumento ativo de leitura dos territórios, permitindo captar camadas subjetivas, afetivas e simbólicas dos lugares.

As análises realizadas demonstraram que os artigos selecionados mobilizam a memória em diferentes dimensões: como eixo de pertencimento e identidade (Costa, 2016); como elemento de leitura do patrimônio e da paisagem urbana (Freitas e Civale, 2016); como base para compreender os processos de territorialização e as trajetórias de vida dos sujeitos (Silva e Freitas, 2017); e como expressão dos saberes religiosos e cotidianos (Silveira, 2018). Esses estudos evidenciam como a memória atua na construção de sentidos sobre o espaço e como ela participa de disputas simbólicas, de resistências e de afirmações identitárias.

Dessa forma, a Geografia Cultural, especialmente após sua renovação epistemológica, mostra-se cada vez mais receptiva à incorporação da memória como ferramenta analítica e crítica. Ao acolher as narrativas locais, os saberes plurais e as experiências vividas, amplia-se o escopo do conhecimento geográfico, promovendo uma ciência mais implicada com a realidade e mais atenta às vozes historicamente silenciadas. Assim, a memória se confirma como uma chave teórico-metodológica potente para pensar o espaço em sua complexidade histórica, cultural e política.

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1998.

CLAVAL, P. **Geografia Cultural**. Florianópolis, EDUSC, 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Sobre a Geografia Cultural**. Departamento de Geografia – UFRJ, 2009. Disponível em: http://www.ihgrgs.org.br/contribuicoes.htm. Acesso em: 23 mar. 2025.

COSTA, Maria Helena Braga e Vaz da. Espaço, identidade e memória: o lugar em Era uma vez eu, Verônica. ***Espaço e Cultura*** **(UERJ)** Rio de Janeiro, n. 39, p. 103–116, jan./jun. 2016. Disponível em: http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/. Acesso em: 6 abr. 2025.

FREITAS, Walkiria Maria de; CIVALE, Leonardo. Entre palavras e pedras arquitetando memórias e remodelando a paisagem urbana: análise das políticas patrimoniais do município de Viçosa (MG) entre 1980 e 2010. ***Espaço e Cultura*** **(UERJ)**, Rio de Janeiro, n. 40, p. 49–76, jul./dez. 2016. Disponível em: http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura. Acesso em: 8 abr. 2025.

SILVA, Nildemar Pereira da; FREITAS, Nilson Almino de. Vila União: bairro, memórias e territorialização. ***Espaço e Cultura*** **(UERJ),** Rio de Janeiro, n. 41, p. 193–213, jan./jun. 2017. Disponível em: http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura. Acesso em: 8 abr. 2025.

SILVEIRA, Emerson José Sena da. Devoções, catolicismo e mundo cibernético: semântica nova ou antiga permanência? ***Espaço e Cultura*** **(UERJ),** Rio de Janeiro, n. 44, p. 31–49, jul./dez. 2018. Disponível em: http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura. Acesso em: 8 abr. 2025.